



UNIVERSIDADE SANTA ÚRSULA
CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA

“SINTO E PENSO, LOGO EXISTO!”,
REFLEXÕES SOBRE A CLÍNICA CORPORAL NA CONTEMPORANEIDADE

Discente: Priscila Sá Vieira

Orientadora: Profª Dra. Geny de Oliveira Cobra

RIO DE JANEIRO

RESUMO

Wilhelm Reich foi o responsável pela abrangência do corpo nas pesquisas relacionadas à saúde psíquica do homem moderno. Seus estudos sobre a etiologia das neuroses e de outras biopatias apontaram para a necessidade de se resolver o mal estar instituído na civilização a partir da repressão e negação das leis naturais da vida configuradas estruturalmente numa sociedade rígida e autoritária. Embora ainda estejamos organizados sob essa mesma lógica, entendemos o quanto é vivo e atual o pensamento reichiano. Se as forças presentes em nosso momento social investem seus esforços no corpo produzindo alienação da vida e adoecimento, percebemos que é pelo corpo que precisamos pensar a transformação da realidade. Nesse sentido, a clínica corporal na contemporaneidade exerce importantes funções na (re)construção do potencial natural humano. À luz da teoria reichiana, neste artigo, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica contextualizando o campo teórico através da prática clínica realizada no SPA da Universidade Santa Úrsula pelo período de 2018 a 2020, a fim de refletirmos como chegamos a esse nível de desconexão com a vida e o que podemos fazer diante disso.

Palavras-chave: corpo, contato, emoção, expressão.

Abstract

Wilhelm Reich was responsible for the scope of the inclusion the body in research related to the mental health of modern man. His studies on the etiology of neuroses and other biopathies pointed to the need to solve the discomfort established in civilization from the repression and denial of the natural laws of life structurally configured in a rigid and authoritarian society. Although we are still organized under this same logic, we understand how alive and current Reichian thought is. If the forces present in our social moment invest their efforts in the body, producing alienation from life and illness, we realize that it is through the body that we need to think about the transformation of reality. In this sense, contemporary body-related clinics play important roles in the (re)construction of human natural potential. In the light of Reichian theory, in this article, we developed a bibliographical research contextualizing the theoretical field through clinical practice carried out at the SPA of Santa Úrsula University from 2018 to 2020, in order to reflect on how we reached this level of disconnection from life and what we can do about it.

Keywords: body, contact, emotion, expression

1. Introdução

“Você me pergunta, zé-ninguém, quando há de ter uma vida boa e segura. A resposta é estranha à sua natureza. Você terá uma vida boa e segura quando estar vivo significar mais para você do que a segurança, o amor mais do que o dinheiro, sua liberdade mais do que a opinião pública ou do partido; quando o sentimento presente na música de Beethoven ou de Bach passar a ser o sentimento da sua vida inteira – você tem isso, está em você, zé-ninguém, em algum canto bem no fundo do seu ser, quando seu pensamento estiver em harmonia, não mais em conflito, com seus sentimentos [...]”. (REICH, 2007, p. 122 e 123)

A simplicidade de Reich respondendo ao dilema do homem moderno Zé-ninguém nesse trecho de seu livro “Escute, Zé-Ninguém!” provocou em mim imensa inquietude logo no início do curso de psicologia quando fui apresentada a sua teoria. Neste livro, Reich promove um diálogo intenso com cada Zé-ninguém e Maria-ninguém que o lê, inclusive comigo. O sentimento de inconformação que Reich parece expressar diante da realidade construída nas relações miseráveis entre homens e mulheres de seu tempo, encontrou ressonância no meu desejo profundo por transformação da realidade que hoje vivemos.

Conforme os estudos eram aprofundados, fui me deparando com uma teoria interessada no movimento vivo, na espontaneidade, na possibilidade de uma vida mais integrada, realizada, prazerosa e livre. Além de sua visão biopsicossocial, me deparei com a compreensão do corpo no processo psíquico, conforme Reich propôs em suas pesquisas relativas ao ponto de vista econômico dinâmico como falaremos mais adiante, sendo que tudo fez ainda mais sentido uma vez que eu mesma estava transformando completamente o meu percurso de autocuidado em virtude da descoberta de uma doença autoimune em estágio avançado, nomeada na concepção reichiana como biopatia referindo-se às degenerações no processo vivo a partir do encorajamento das suas funções naturais. O encontro com a teoria reichiana e sua proposta de saúde, que diz respeito a um olhar para a vida e não para a doença, abriu caminho para um movimento amplo de reconexão e afirmação da vida.

Quando iniciamos os atendimentos no SPA, concebemos realizar uma pesquisa sobre os fluxos vegetativos em pulsação e promover uma conexão com o desejo. Muitas vezes nas queixas trazidas pelos clientes pude perceber o fio comum da expressão de sintomas com a estrutura psicossomática, socialmente ancorada e desenvolvida a partir da organização das suas funções naturais, em resposta às suas dinâmicas relacionais com o mundo. Segundo Imbassai (2006), a dessensibilização vem atingindo de forma

expressiva o indivíduo nas sociedades contemporâneas urbanas e atua como uma atrofia da faculdade sensório-perceptiva que resulta na mecanização desse mesmo indivíduo. Nesse sentido, o trabalho clínico foi nos mostrando claramente a necessidade de mobilizar o corpo para além de acessar conteúdos simbólicos e elaborá-los. Trabalhamos reconhecendo, sobretudo, o contato e a recuperação da capacidade de sentir as correntes vegetativas reconhecendo sensações, emoções, imagens e podendo, assim, encontrar os próprios sentidos de suas dinâmicas.

Nesse percurso de construção de um corpo terapêutico, outro aspecto essencial na clínica corporal chamou a minha atenção: a relação terapêutica exerce função importante tanto na vida do cliente quanto na vida do terapeuta. O fenômeno transferencial nos convoca a interagirmos com o nosso corpo, e não apenas com nossos conhecimentos teóricos e técnicos de uma determinada abordagem de estudo. Há uma grande importância na disponibilidade do terapeuta nos encontros como sustentáculo de uma escuta clínica sensível, como também na presença de um corpo poroso, permeável aos afetos, em conexão com as suas sensações de órgãos, importante canal de percepção das singularidades e da possibilidade de construir uma clínica da/na experiência sensível. Trata-se de um exercício de escutar com os ouvidos, com os olhos, com as vísceras, com o corpo todo e requer uma atenção e cuidado do próprio terapeuta.

Reich passou por inúmeras represálias por acreditar no corpo como fonte de transformação do ser humano. Entretanto, o percebemos como o semeador de um pensamento libertário, vivo e atual. Acreditamos que um corpo livre, liberado de suas tensões crônicas e conectado ao que sente é capaz de se expressar e agir no mundo a partir da sua potência natural sendo agente de profundas transformações sociais. Em tempos onde somos estimulados às relações de poder, trabalhar com o corpo é também desafiar uma política de segregação e distanciamento insistindo na possibilidade da relação como via para a afirmação de vínculos dedicados ao cuidado da vida. Com esse sentimento, iniciaremos nossas reflexões tecendo considerações sobre o corpo que chega à clínica na contemporaneidade.

2. Corpo, clínica e contemporaneidade.

A escrita desse artigo emerge a partir das experiências nos atendimentos clínicos realizados no SPA – Serviço de Psicologia Aplicada – da Universidade Santa Úrsula, no período de 2018 a 2020, a uma população com idade média entre 20 e 60 anos, em maioria mulheres, de diferentes contextos socioeconômicos. A clínica na abordagem

corporal reichiana, dá ênfase à vivência do corpo em seu movimento expressivo espontâneo subvertendo a lógica e os efeitos da moral repressora constitutiva de nossa estrutura social. Entretanto, essa experiência produz inquietações e ressonâncias profundas quase sempre atravessadas por afetos, conduzindo-nos a uma reflexão de como a clínica corporal na contemporaneidade pode funcionar enquanto espaço de transformação e de afirmação da potência humana para as relações de amor e trabalho.

Ao colocarmos no centro da questão o corpo em suas expressões, sensações, movimentos, ritmos, gestos, narrativas e memórias, somos impelidos a considerar as premissas que contextualizam o horizonte histórico e político em que ele se constitui, um campo de afecções indissociáveis que permeiam a própria vida. Como o sujeito contemporâneo com seu corpo chega à clínica?

A clínica é o espaço onde, repetidas vezes, ouvimos de nossos clientes relatos de suas angústias e alusões à falta de contato com seu corpo. A queixa se apresenta associada ao pedido de ajuda para dar conta do problema localizado no binômio corporeamente, ora pela ausência de estímulos ora pelo excesso. Relatos sobre um estado de anestesiamento, de congelamento do corpo e das dificuldades para reconhecer-se em si e em suas sensações. *“Não sei explicar, acho que meu corpo está anestesiado e eu não consigo reagir”*. *“Por que eu não consigo controlar o meu corpo quando esses pensamentos vêm?”*. *“Eu não consigo me sensibilizar, não choro nem sinto nada assim mais sensibilizado, eu até queria sentir, mas não consigo”*. *“Me assustei quando me peguei com vontade de chorar, me sentindo mal e com angústia, então procurei ajuda”*. *“A raiva vem, meu coração dispara, eu fico suando frio e tenho medo por não conseguir controlar meu corpo”*. Nestas falas ressaltamos evidências para pensarmos o corpo, a contemporaneidade e a clínica: primeiro, se há cisão corpo e mente; segundo, se há a necessidade de controlar o corpo; e, terceiro, se há um embotamento afetivo.

Nosso objetivo não é estabelecer uma relação de causa e efeito entre os fatos, sobretudo, porque a bússola que orienta essa escrita é o pensamento reichiano, um movimento vivo e pulsante que busca compreender o funcionamento da vida observando como ela se apresenta, valorizando-a em seus fluxos. Por essa razão, propomos subvertermos a ditadura da razão e nos lançarmos ao fluxo das sensações vivas ao longo deste estudo. Como sentimos e percebemos os relatos trazidos? Como essa ressonância acontece em nosso corpo? Como está o nosso peito e a nossa respiração agora? Qual é o nível de contato possível neste momento? Tomemos um tempo para respirarmos e sentirmos juntos.

As dificuldades de contato têm sido um aspecto comum às demandas trazidas na clínica atual. Na experiência de alguns pacientes, as sensações emergem em seus corpos tentando lhes comunicar algo que está intrinsecamente ligado às suas necessidades vitais, mas ao mesmo tempo o medo bloqueia qualquer possibilidade de reconhecimento e afirmação expressiva. Em outros casos, o nível de falta de contato se faz em camadas tão profundas ao ponto de só se tornar aparente na percepção de não sensação, de anestesiamiento. De uma forma ou outra, nos parece que as evidências apontam para uma dinâmica relacional disfuncional entre o vivo e a vida e isso se dá, especialmente, pela via do corpo.

A sociedade contemporânea valoriza a imagem, os modelos, não o corpo que se expressa em potência vital movido espontaneamente por suas necessidades profundas. A cisão corpo e mente instaura uma lógica individualizante com primazia da mente sobre o corpo, da razão sobre a emoção, com objetivos de garantir o funcionamento desse corpo a serviço das práticas de trabalho incessantes para acumulação do capital e manutenção de uma estrutura social rígida e esvaziada de sentidos. Referimos-nos aqui ao sentido que é construído através do vivido, da experiência de habitar o corpo e reconhecer as suas possibilidades, aquilo que é da ordem do essencial à vida e, portanto, singular.

Nesse sentido, Wilhelm Reich foi um precursor ao pensar o sofrimento do homem moderno a partir de sua ancoragem no campo social, analisando as bases de uma cultura de estruturação patriarcal rígida e reprodutora de relações verticalizadas e os seus efeitos na formação e práticas humanas, bem como, a manutenção do *status quo* considerando certo modo de funcionamento entre ambos. Durante anos de pesquisa, Reich tenta demonstrar como o processo civilizatório é capaz de constranger o fluxo da energia vital em seu movimento criativo, construindo paradoxos existenciais capazes de sustentar a miséria social por anos a fio. Ele explica que:

Há uma contradição berrante entre as exigências naturais e certas instituições sociais. O homem vive imerso nessa contradição, inclina-se mais para um lado ou para outro, faz acordos que sempre acabam mal, refugia-se na doença e na morte, ou revolta-se insensata e inutilmente contra o sistema em vigor. A estrutura humana se forma nessas lutas. (REICH, 2012, p. 209).

Reich compreende o livre fluxo da energia vital humana considerando, primeiramente, como psicanalista, a função psicossomática da libido enquanto energia sexual que move a vida em direção à expansão através dos impulsos biológicos ligados ao prazer, à capacidade de amar e ao desenvolvimento de relações genuínas. Para ele, “um organismo cuja mobilidade natural foi continuamente dificultada, desde o berço,

desenvolve formas artificiais de movimento” (REICH, 1998, p. 461). Tais formas artificiais de expressão refletem o autoritarismo característico do processo civilizatório moderno e, segundo o autor, está diretamente atrelado à perturbação sexual que vem sustentando relações sociais movidas por uma peste emocional¹.

A peste emocional (REICH 1998), conforme Reich analisa, se expressa na vida social como uma reação à frustração genital. Observamos ao longo do tempo que as instituições exercem papel supressor sobre as expressões autorreguladoras naturais da vida, sendo a família autoritária (REICH, 2001) a instituição que atua nos primeiros anos da vida infantil cumprindo o projeto de reprodução e estruturação das ideologias de um Estado autoritário². O homem impedido de viver sua sexualidade genital na sua capacidade natural de amar fica vulnerável às alianças neuróticas e ao exercício controlador das lógicas de poder coercitivas. Desenvolve o medo à vida, ao prazer e se relaciona através da submissão, pois não reconhece outra forma de habitar o mundo senão àquelas previamente estabelecidas, como também, na impossibilidade de fluir sua motilidade natural e experimenta um processo de estagnação, entorpecimento, uma alienação de si. O corpo, em sua integralidade, se vê paralisado e carrega dentro de si um anseio frustrado pela vida.

A teoria do caráter produzida por Reich em 1928 nos traz importante contribuição para pensarmos o corpo encoraçado que se forja no enlace social diante da necessidade de adaptação a condições hostis à própria vida. A estrutura de caráter humana não é compreendida enquanto patologia somente do sujeito, mas sim como “um processo sociológico congelado de uma determina época” (REICH, 1998, p. 7). A educação autoritária, a repressão sexual e emocional, a privação de vínculos e de suporte amoroso na infância promove uma distorção de nossas funções biológicas básicas que nos impede à autonomia, à responsabilidade, ao amor e à liberdade. Reich nos alerta que:

A estrutura do caráter do homem moderno, que reflete uma cultura patriarcal e autoritária de seis mil anos, é tipificada por um

¹ A peste emocional foi explicada por Reich (1998, p. 461 - 491) como o comportamento do homem encoraçado que, biologicamente comprometido em suas funções vegetativas e emocionais, se manifesta na vida social movido pela frustração e por impulsos destrutivos. Ele a classifica como uma biopatia, tal qual o câncer e a esquizofrenia, devido à etiologia situada na disfunção de funções biológicas naturais. Está profundamente ligada à angústia genital, ao medo e incapacidade de entregar-se ao amor e ao prazer. Socialmente, a peste emocional ou praga emocional se apresenta em atitudes de ódio como inveja, avareza, fofoca, sadismo, perversão, facismo. Elevada ao máximo grau de irracionalidade, a peste emocional seria a origem da ditadura e das guerras.

² Reich usa o termo *familitis* para se referir à família autoritária como “um mal endêmico que destrói tudo quanto os honestos esforços humanos estão tentando realizar” (REICH, 2012, p. 20). Segundo o autor, a família autoritária funciona como um “Estado autoritário em miniatura” (REICH, 2001, p. 28), como uma engrenagem do sistema político e econômico que atua nas bases formativas da criança com objetivos de desenvolver um sujeito submisso, bem adaptado à ordem, à moral e aos bons costumes.

encorajamento do caráter contra a sua própria natureza interior e contra a miséria social que o rodeia. Essa couraça do caráter é a base do isolamento, da indigência, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio místico, da miséria sexual [...] O homem alienou-se a si mesmo da vida, e cresceu hostil a ela. Essa alienação não é de origem biológica, mas socioeconômica. Não se encontra nos estágios da história humana anteriores ao desenvolvimento do patriarcado. O prazer natural do trabalho e da atividade tem sido substituído pelo dever compulsivo. A estrutura média da maioria das pessoas transformou-se em uma estrutura marcada pela impotência e pelo medo à vida. (REICH, 2012, p. 16 e 17).

3. Um retorno ao simples: o pensamento funcional do funcionamento do ser vivo

As ciências de um modo geral estudam os fenômenos naturais, inclusive os processos do desenvolvimento humano, estabelecendo diferenças e produzindo campos específicos de saberes sobre o ser vivo. O pensamento funcional, método de pesquisa utilizado por Wilhelm Reich para compreender o funcionamento da vida, buscou dissolver essa dicotomia presente no pensamento científico, propondo a investigação dos processos psíquicos e somáticos numa dialética funcional, interligada, fluída, complementar. Sua atitude pesquisadora foi muito criticada e mal interpretada pelos especialistas da época, contudo, isso não modificou a sua meta de compreender os fenômenos naturais por um princípio comum de funcionamento ao invés de estratificá-los por suas diferenças. Obstinadamente, Reich decidiu assumir os riscos e encarar os obstáculos como parte do caminho para a construção de novos avanços na ciência e foi dessa maneira que aplicou o método do materialismo dialético em seu trabalho ampliando as descobertas da psicanálise, como relata Boadella:

Reich, de início, aplicou conscientemente o método do “materialismo dialético” em seu trabalho científico. Já examinamos como isso levou a unir a sociologia com a psicanálise. Para Reich não era uma questão de refletir dialeticamente sobre a natureza, mas de perceber e reagir à dialética natural presente em todos os processos naturais. Compreendia que isto deveria ser expresso em sua formulação da simultânea *unidade e antítese* que opera em todos os campos do funcionalismo.

[...]

O oposto da abordagem funcional poderia talvez ser chamada de “estruturalismo”, o estudo dos detalhes da estrutura e do funcionamento das partes em isolamento relativo da totalidade. O primeiro método tenta refletir em seus processos de pensamento a “ramificação e enraizamento” naturais que caracterizam o desenvolvimento orgânico. O último método tende a desmontar a natureza em partes, como se fosse uma máquina que nada mais é que a soma de suas partes. As tendências funcionais da pesquisa criativa podem então ser contrastadas às tendências mecanicistas da abordagem estrutural. (BOADELLA, 1985, p. 234 e 235).

Como vemos, David Boadella nos esclarece que a metodologia de pesquisa desenvolvida por Reich, o funcionalismo orgonômico, se interessa pela compreensão total de um processo natural e pelos detalhes atribuídos ao seu funcionamento. Uma mudança radical de paradigma já se inicia com a pergunta de partida: o “como?” em lugar do “por que?”. No trabalho clínico, explorar o “como” significa olhar a vida em processo contínuo de criação não importando as ideias e noções de certo ou errado, mas sim o seu funcionamento. Requer de nós uma flexibilidade para nos lançarmos aos riscos de uma composição cheia de movimentos inesperados inerentes à própria vida. Implica em acompanhar os processos, valorizar os percursos singulares e se abrir à alteridade com a coragem necessária para transformar-se à medida que não há neutralidade quando nos relacionamos com contato e vínculo, fundamentais na relação terapêutica como veremos um pouco mais adiante.

Buscando compreender o funcionamento do ser vivo, Reich percebeu uma importante característica comum a todos: a presença de movimentos plasmáticos. O protoplasma, substância primordial dos organismos vivos capaz de sentir e reagir a estímulos nas células, e as demais substâncias, membranas e matérias de que são compostos os organismos, estão em constante resposta aos estímulos externos e internos. Para Reich, “a vida se expressa em movimentos (...) o movimento expressivo é uma característica inerente ao protoplasma” (REICH, 1998, p. 332). Os órgãos do corpo percebem as sensações e o organismo vivo se expressa em movimentos antes mesmo de adquirir a linguagem, ou seja, os movimentos plasmáticos são movimentos expressivos tradutores das respostas espontâneas de expansão ou contração às sensações vividas.

Do ponto de vista etimológico, a palavra emoção deriva do verbo latim *ex-movére* e significa “mover para fora”³. Ratificando essa noção de movimento, Reich explica cientificamente a identidade funcional biológica entre sensação, movimento plasmático e emoção. Para Reich (1998), expressão emocional é o significado inteligível atribuído a um movimento expressivo do protoplasma. As emoções estão intimamente ligadas ao grau de mobilidade do organismo vivo: quanto mais nossas correntes vegetativas fluírem, mais intensas serão nossas sensações e emoções.

As emoções primárias cumprem uma função biológica básica e, portanto, têm racionalidade do ponto de vista do funcionamento e de sua utilidade no processo de

³ Fonte: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-emocao/24181> acessado em 16/11/2020.

autorregulação orgânico. Elas exprimem a qualidade da mobilidade energética do organismo ante a relação *self versus* mundo e a sua busca por uma vida que faça sentido. Reich esclarece que:

A função do prazer conduz à descarga do excesso de energia na célula. A angústia está na base de cada sensação de raiva. E, na esfera da vida, a raiva possui a função global de vencer ou eliminar situações de ameaça à vida. A tristeza expressa a perda do contato familiar e o anseio expressa o desejo de contato com outro sistema orgonótico. (REICH, 2003, p. 57).

Prazer, anseio, angústia, raiva, tristeza e medo são emoções primárias. Quando compreendemos suas funções para a manutenção da vida, desmitificamos a ideia de que a pulsão da emoção expressa pelo comportamento humano precisa ser controlada, dominada. Só é possível percebermos o mundo e a nós mesmos através das nossas sensações e toda emoção é um movimento expressivo que nos orienta na construção da nossa imagem do mundo, bem como, em nossas ações (REICH, 2003). Nossas sensações são a principal via de contato com o mundo, logo, o organismo encouraçado que não sente suas correntes plasmáticas desenvolve uma relação completamente distorcida com a realidade.

No processo civilizatório, desenvolvemos formas corporais expressivas e biofísicas que nos conectam mais com o domínio simbólico da linguagem e da significação do que com a linguagem expressiva da vida. Do ponto de vista de identificação às identidades sociais vê-se a validação e a alta valorização disso, entretanto, sob o ponto de vista das necessidades primárias humanas, indica um processo de alienação da vida ou a perda da capacidade de nos entregarmos às sensações e emoções que nos constituem e nos movem no mundo.

Segundo Reich, não há correspondência dentro de um raciocínio lógico verbal humano para descrever todo o movimento expressivo vital porque “o organismo vivo possui uma linguagem expressiva própria, antes de, para além de, e independente de toda a linguagem verbal” (REICH, 1998, p. 333). Neste ponto já nos inclinamos a pensar a clínica corporal como território de valorização do ser vivo, como uma iniciativa a serviço da vida ao propor um trabalho terapêutico de resgate da motilidade do sistema plasmático abrindo caminho à conexão com as necessidades mais profundas e oferecendo a esse sujeito um lugar seguro aonde sua emoção possa emergir e ser acolhida. O alcance da compreensão simbólica referente ao bloqueio emocional vivido em um estágio mais complexo não resolve o problema da etiologia da neurose. O processo é mais primitivo, pois o que está comprometido, desorganizado, disfuncional é o próprio movimento vital. É preciso sentir para se saber e, então, poder dizer.

O terapeuta com seu corpo também precisa experimentar um nível de livre fluxo energético para se colocar disponível ao acolhimento e à escuta profunda. Reich explica que o reconhecimento e a compreensão de uma emoção se dão num processo de ressonância entre o movimento protoplasmático do terapeuta e do paciente (REICH, 1998). Somos capazes de uma atitude empática e responsável quando reconhecemos em nós mesmos o sentimento expresso pela vida que se coloca diante de nós, logo, o trabalho terapêutico requer uma atenção do terapeuta ao seu próprio desbloqueio emocional e ao contato com seu núcleo vegetativo.

Segundo Reich (2012), todo organismo vivo possui um cerne biológico, um centro vegetativo que é a fonte da energia vital, cujo movimento se dá predominantemente do centro para a periferia, na expansão e na extensão. Quando a membrana está carregada energeticamente, na expansão, é necessário contrair ou realizar movimentos ondulatórios rítmicos e alternados, em direção contrária – da periferia para o centro – para descarregar o excesso de energia e se autorregular. Sendo assim, o processo vital é movido pela pulsação, contínua alternância entre as funções biológicas fundamentais de expansão e contração, tanto no campo psíquico quanto no somático.

Reich constatou que as funções básicas prazer e angústia se relacionam com o sistema nervoso autônomo da seguinte maneira: o sistema parassimpático sempre funciona quando há expansão, dilatação, tensão, prazer e, expressa, portanto, um movimento “para fora do eu, em direção ao mundo” em busca da alegria e do prazer. Opostamente, o sistema simpático funciona quando o organismo se contrai em resposta à angústia e à dor, expressando a necessidade de se proteger, de mover-se “para longe do mundo, para dentro do eu” (REICH, 2012, p. 222). A função simpática unifica uma contração somática e uma sensação de desprazer podendo ser percebida como expressão emocional de insatisfação, tristeza, angústia, enquanto a função parassimpática unifica a expansão na experiência de uma sensação prazerosa podendo gerar o sentimento de satisfação. Vejamos como o autor pensa esse sistema como um todo.

Vemos que na experiência do prazer, os vasos sanguíneos se dilatam na periferia, a pele se torna corada, o prazer é experimentado desde a mais suave das suas formas até o mais alto grau do êxtase sexual. No estado de angústia, a palidez, a contração dos vasos sanguíneos e o desprazer andam juntos. No prazer, “o coração expande-se” (dilatação parassimpática) e a pulsação é calma e cheia. Na angústia, o coração contrai-se, e bate rápida e fortemente. No primeiro, impele o sangue através de vasos largos; o seu trabalho é, portanto, fácil. Na última, impele o sangue através de vasos estreitados: o seu trabalho é difícil. No primeiro,

o sangue é distribuído predominantemente em direção à periferia; na segunda, os vasos contraídos causam uma congestão do sangue na direção do coração.

[...]

No mais alto nível psíquico, a expansão biológica é experimentada como prazer: a contração é experimentada como desprazer. No campo dos fenômenos instintivos, a expansão funciona como uma excitação sexual, e a contração funciona como angústia. Em um nível fisiológico mais profundo, a expansão corresponde ao funcionamento parassimpático e a contração ao funcionamento simpático. (REICH, 2012, p. 239 e 240).

Prazer e angústia, expansão e contração, formam a principal antítese da vida vegetativa e ao mesmo tempo revelam o funcionamento unitário corpo-mente, psíquico-somático. Qualquer alteração nesse movimento pulsátil espontâneo e essencial para manutenção da vida gera adoecimento, mortificação. Quando não podemos expandir ou contraímos por muito tempo enrijecemos, encorajamos, e assim deixamos de pulsar e de sentir o prazer, a alegria, a compaixão, a empatia, o amor.

No livro biográfico *Fury on Earth*, Sahraf (1983) conta que Reich pesquisou a Energia Orgone no período de 1940 a 1950 e aplicou as descobertas à teoria da economia sexual que diz respeito à regulação da energia sexual no organismo a fim de obter homeostase. À época, os psicanalistas e cientistas da sexologia tratavam a sexualidade apenas sob o ponto de vista da sua mecânica fisiológica resumindo-se à percepção do comportamento dos órgãos genitais – potência eretiva e ejaculativa – logo, não se falava de impotência sexual para aqueles que tinham uma vida sexual ativa. Diferentemente, Reich definiu a potência orgástica como uma atitude, uma capacidade “de abandonar-se livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica e descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo” (REICH, 2012, p. 91), sendo qualquer perturbação desse processo uma fonte de doenças psíquicas e outras biopatias.

O processo de pesquisa científico-natural acerca da energia biopsíquica levou Reich à compreensão da função bioenergética da sexualidade no funcionamento da mulher e do homem. Ao investigar o comportamento e as práticas sexuais de seus pacientes, ele descobre que a maioria não era capaz de viver a potência orgástica porque o organismo neurótico, no processo civilizatório, perde sua capacidade natural de amar e entregar-se à expansão prazerosa atingida no clímax da excitação do ato sexual natural. Embora tivessem uma vida sexual ativa, seus pacientes demonstravam impotência orgástica, pois sua sexualidade era movida por impulsos distorcidos pela moral repressora, o que resultava na impossibilidade de experimentar a potência orgástica em

uma descarga prazerosamente satisfatória da energia sexual através do orgasmo com seu parceiro ou parceira.

O orgasmo se refere ao momento no qual abandonamos as camadas mais sofisticadas de funcionamento para nos identificarmos completamente com o movimento da energia viva em nós. Reich (2012) constatou que isso decorre da função que o orgasmo cumpre tanto no aspecto energético, de liberação do quantum excedente de energia que está acumulado produzindo tensão no nosso organismo, quanto no aspecto afetivo, de tornar possível a experiência de uma entrega, de um afrouxamento de nossas defesas. Nas palavras de Reich, o orgasmo é o momento em que “o organismo se entrega às suas excitações plasmáticas e às sensações de fluir; depois, entrega-se completamente ao parceiro no abraço sexual; toda forma de reserva, contenção ou encouraçamento é abandonada” (REICH, 1998, p. 339).

Neste ponto do diálogo, acreditamos ter construído a clara noção de que o impulso do ser vivo é estar vivo e se fazer viver, ou, como Reich diria, não existe masoquismo biológico! Os impulsos secundários são desenvolvidos desde a infância tenra em resposta ao conflito entre funções sociais e funções biológicas. Vivemos numa sociedade estruturada sobre uma base ideológica de política irracional e facista negadora das funções básicas e naturais; uma sociedade que constrói edifícios mentais cada vez mais complexos pela incapacidade de sustentar o aspecto mais simples e primitivo da vida, o prazer. A repressão sexual torna o nosso corpo dócil à autoridade e funciona como uma castração psíquica (REICH, 2012). A negação da expressividade emocional produz modos artificiais de movimento, em geral, estruturas rígidas, formas estereotipadas de nos relacionarmos com mundo.

O nível de desconexão com a vida se torna tão profundo que, ao tentarmos resgatar nossos impulsos básicos vitais em vias de realização, sentimos extremo medo. Alegoricamente, é como se nós sentíssemos o desejo de voltar para casa, procurássemos, então, pela chave da porta de entrada que foi perdida e tivéssemos medo de encontrá-la. Angústia orgástica é o nome dado por Reich a este processo de medo da vida que nos acomete quando estamos perto de recuperar a potência orgástica e que, conseqüentemente, reforça as estereotípias de defesa construídas.

4. A falta de contato, o contato substituto e o verniz social

Em “Análise do Caráter”, Reich demonstra que o aparelho psíquico é constituído por uma série de impulsos contraditórios e antitéticos produzidos no sistema de defesa. O processo de formação de caráter e de encorajamento funciona como uma teia dessas pulsões que dissociadas “que operam ao mesmo tempo em direção ao mundo, para longe do mundo e umas contra as outras” (REICH, 1998, p. 295), formando uma rigidez traduzida numa expressão psicossomática. Quanto mais nossos empenhos sexuais são frustrados, mais acumulamos estases energéticas e musculares em atitude defensiva, e nos afastamos das correntes vegetativas que nos levam ao contato. Considerando isto, Reich esclarece que

[...] a falta de contato não é uma camada entre duas camadas de forças opostas e, sim, um fenômeno que corresponde à ocorrência de uma *concentração* ou *densidade* especial de antíteses e dissociações. Aquilo que percebemos, na análise do caráter, como uma formação compacta, tenaz ou enredada é precisamente essa concentração de forças opostas no *caráter*. (REICH, 1998, p. 296)

Simplificadamente, podemos entender a formação de um caráter rígido, encorajado, como uma formação defensiva do ego frustrado em seu impulso de realização. A estruturação do caráter atua defensivamente tanto em relação à tensão externa, devido à necessidade de sobrevivência em sociedade, quanto em relação à pulsão interna, a fim de dar conta do impulso biológico que não cessa. Em longo prazo, vamos desenvolvendo sentimentos de isolamento, esfriamento, entorpecimento, enrijecimento, insensibilização.

Segundo Baker (1980), problemas de contato podem acontecer em três níveis: com o self, à medida que o encorajamento nos leva a perda das nossas sensações de órgãos e reconhecimento das emoções; com o meio, considerando a falta de carga energética suficiente para nos movermos em direção à expansão de maneira prazerosa nas nossas relações; e com o cosmos, devido a nossa impossibilidade de viver o abraço genital e a sensação cósmica de integração com a natureza na experiência do reflexo do orgasmo. “O contato requer o movimento da energia acima de um certo nível mínimo, mais sua excitação” (BAKER, 1980, p. 91), ou seja, não se trata apenas de uma experiência perceptiva pelo sentido tátil, o contato é um fenômeno energético que requer a livre motilidade dos impulsos expressivos e sexuais. A experiência de expansão como potência orgástica se reflete na sensação de estarmos vivos, relaxados, expressivos, capazes de nos entregarmos livremente e reagirmos espontaneamente, de modo contrário, segundo Reich, nega-se a vida:

Como só as sensações vegetativas de prazer são acompanhadas de um aumento da carga na superfície do organismo, a excitação agradável tem de ser considerada como um processo especificamente produtivo no sistema biológico. Todos os outros afetos, por exemplo, o desprazer, aborrecimento, a angústia e a pressão, em termos de energia, são o oposto a esse processo e por isso representam funções negadoras da vida. (REICH, 2012, p. 306 e 307).

Queremos retomar os diálogos iniciais para refletirmos sobre a questão da falta de contato. Um cliente chegou à clínica expressando não conseguir se sensibilizar, não chorar nem conseguir sentir nada mais emocional. Aos poucos foi comunicando desejos de estar numa parceria amorosa, vontade de ter um trabalho que tenha mais a ver com as suas crenças e uma preocupação acerca da solidão. Começamos o trabalho corporal através da respiração profunda e rapidamente percebemos um bloqueio primordial do diafragma configurado na atitude crônica de inspiração. Quando estimulado a expandir a respiração, especialmente alongando a expiração, ele narrava sensações de aumento de tensão na cabeça, ombros e braços; “eu não sei o que acontece, mas parece que o meu peito fica duro quando respiro e eu nunca tinha percebido isso antes”. Visivelmente era possível perceber uma imobilidade do anel torácico, compreendido pelo tórax, braços e mãos. É importante ressaltarmos que o segmento torácico cumpre uma função de morada dos nossos sentimentos mais profundos relacionados ao modo como damos e recebemos algo do mundo e a respiração mobiliza diretamente nossas emoções. Ao contar sobre sua infância e adolescência, percebemos como foram presentes as sensações de abandono, solidão, falta de recursos para subsistência, dor por violência física e emocional, desamparo em todas as suas necessidades fundamentais. Os sentimentos de amor não puderam fluir livremente por uma questão de sobrevivência. Sendo o sofrimento da ordem do insuportável, a forma possível para estar na vida tornou-se uma negação do sentir, do contato emocional consigo e com o mundo. Entre outros aspectos, essa atitude de contenção da emoção se expressa pela configuração dos ombros retesados para trás, do peito estufado mantendo uma postura de imobilidade, da respiração superficial, e dos relatos constantes da necessidade de se autocontrolar e ser uma pessoa reservada. “Está tudo bem!”, “Vou levando e tá tudo bem”, são expressões presentes mesmo quando faz referência a situações desagradáveis ou dolorosas. O cuidado terapêutico passa por um processo de ressensibilização, de recuperação do contato com seus fluxos emocionais e expressivos. Reich explica a importância da dissolução da couraça do peito para se viver a potência orgástica:

É preciso salientar o seguinte: não se pode pensar em estabelecer a potência orgástica enquanto a couraça torácica não tiver sido dissolvida, e as emoções de raiva, desejo e tristeza genuína não forem liberadas.

Essencialmente, a função da entrega está ligada ao movimento plasmático dos segmentos do peito e pescoço. Mesmo que fosse possível mobilizar o segmento pélvico independentemente, a cabeça se moveria automaticamente *para a frente*, em defesa obstinada, em vez de se mover para trás, assim que a mais leve sensação de prazer fosse sentida. (REICH, 1998, p. 349).

Na contemporaneidade observamos a supervalorização da contenção das nossas emoções, do autocontrole nas relações, por isso, cotidianamente usamos a nossa “inteligência” desenvolvendo medidas adaptativas para estamparmos uma camada narcísica capaz de dizer “está tudo bem!”. Em lugar do contato vegetativo direto com descarga satisfatoriamente prazerosa estabelecemos um contato substituto para lidarmos com a estase energética, a angústia e a frustração. Reich questiona aguerridamente a naturalização e normalização de um desenvolvimento social sustentado por funções substitutas. Nesse sentido, ele é pragmático em afirmar o paradoxo da cultura quando diz:

Na ideologia de todas as organizações sociais autoritárias, a vida vegetativa, representada como primitiva e animal, tem sido sempre, e de modo absoluto, colocada em confronto com a vida substituta “cultural”, apresentada como diferenciada e altamente desenvolvida. Na realidade, esta última, dado que se afastou da primeira e que representa apenas uma função substituta, e não uma continuação da primeira, é improdutiva, congelada em formas e fórmulas rígidas, desprovida de frutos como uma planta seca. A vida vegetativa, por outro lado, é inerentemente produtiva e dotada de infinitas possibilidades de desenvolvimento. E a razão disso é muito simples: sua energia não está cronicamente congelada e fixada. As formações vegetativas substitutas não deram origem à cultura; todo o progresso humano surgiu dos vestígios remanescentes do contato vegetativo direto com o mundo. Isso nos dá uma ideia de quanta energia há para ser desenvolvida, se conseguirmos liberar as estruturas humanas de suas funções substitutas e restaurar a sua relação direta com a natureza e a sociedade. (REICH, 1998, p. 304).

Observando essa dinâmica de formações substitutivas a que ele chama de “segunda natureza ou antinatureza”, Reich (2012) apresenta o aparelho psíquico em três camadas. Uma camada mais profunda enquanto cerne biológico, morada da nossa capacidade para o amor, trabalho e sociabilidade genitais; uma camada secundária de impulsos sádicos, masoquistas, perversos, pré-genitais inconscientes produto de empenhos defensivos, formações reativas ou contato substituto; e uma terceira camada na superfície identificada como verniz social por estar organizada com a parte de nós que acreditamos ser e, portanto, desejamos revelar ao outro – função narcísica de compensação da satisfação.

A questão principal gira em torno da nossa possibilidade de abertura ao contato integrando nossas fragilidades a partir de sermos quem nós somos, ou até quando seguiremos remontando uma estrutura para evitar sistematicamente o contato com as

nossas camadas secundárias e impulsos biológicos agressivos e sexuais. Até quando evitaremos uma tentativa de solução para o problema que se instaurou na dinâmica entre a nossa libido e o mundo civilizado? Como podemos ter uma atitude na vida mais interessada nas realizações, na conquista de uma autonomia produzida no exercício contínuo da liberdade e orientada pela autorregulação e autorresponsabilidade nas relações de amor e trabalho?

Na vivência do contato nas relações experimentamos a sensação de estarmos vivos, recuperamos a autopercepção, a autoestima, a autonomia, a responsabilidade conosco e com tudo o que está a nossa volta. Passamos a ser movidos por uma moral espontânea que nos dá capacidade para o amor e para o trabalho. Vejamos qual é a função da relação terapêutica nesse movimento de expansão e contato genuíno com a vida.

5. Contato, relação, vínculo e a possibilidade do amor na relação terapêutica.

Um cliente chega à clínica, geralmente, em busca de ajuda para lidar com situações que lhe causam sofrimento as quais deseja solucionar objetivando avançar em seus projetos, ir adiante, se sentir mais potente. Independente dos mecanismos de defesa e muitas vezes de distorção da realidade denotada, o pedido de ajuda já denota uma busca por contato. Partindo de uma perspectiva somática, os processos de transferência e contratransferência atuantes na relação terapêutica expressarão a qualidade do vínculo que possibilitará uma experiência de entrega a partir da transferência positiva genuína (REICH, 1998). Detalharemos melhor a transferência positiva genuína a seguir.

Estamos falando do encontro entre dois sistemas orgonóticos em movimento constante num campo de forças, o cliente e o terapeuta. Segundo Reich (2003), o principal instrumento de trabalho da pesquisa científica natural é a própria sensação de órgão e aqui estabelecemos uma aproximação com o terapeuta corporal uma vez que este não assume uma postura de invólucro vazio para que o cliente deposite suas projeções, fantasias e imagens. O terapeuta corporal é atuante e com seu corpo se coloca no processo de “estar com”, “sentir com”, configurando uma composição decorrente da imanência da vida, ou seja, entre acontecimentos e atravessamentos. É possível ser este um dos maiores desafios e beleza na clínica corporal.

Segundo Keleman (1996), transferência e contratransferência são formas de vínculo, formas de conexão, que se referem à dinâmica decorrente do contato

estabelecido entre cliente e terapeuta. O vínculo está a serviço da comunicação e a sua base de contato é a pulsação organísmica. De uma maneira quase poética o autor acrescenta que:

A transferência, portanto, é uma tentativa de estabelecer uma trilha emocional ou somática. Em termos poéticos, transferência e contratransferência são uma tentativa de estabelecer conexões entre almas, somatizar necessidades, construir um corpo vivido. Os clientes vêm aos terapeutas apresentando uma diversidade de problemas, mas querem lidar com eles por meio de uma conexão emocional ou um vínculo de intimidade. (KELEMAN, 1996, p. 86).

Neste sentido Keleman explica que à medida que o cliente projeta suas necessidades no terapeuta e encontra responsividade do outro lado ambos se conectam num movimento de ressonância capaz de promover um processo pulsatório que vai levando a um crescimento da autointimidade e, conseqüentemente, da intimidade com o outro, a ponto de emergir os sentimentos mais profundos que dão sentido à vida refletindo, assim, as expressões e necessidades emocionais. No trecho seguinte, Keleman sinaliza a importância desse percurso na formação da identidade.

A situação de transferência e contratransferência organiza experiência numa forma que representa aquelas experiências dos níveis celulares, emocionais, psicológicos e somáticos. O cliente re-experencia com seu terapeuta a formação do corpo pessoal, sentimentos, memórias e aventuras. A terapia reconstitui um processo de desenvolvimento inibido ou que hibernou. Cliente e terapeuta encontram-se e acionam um padrão de interação, de cabeça para cabeça. De linguagem para linguagem, de barriga para barriga, de coração para coração. Trocam-se pulsações de necessidade e expectativa, desejo e resposta. O terapeuta recebe as projeções do cliente, se vincula apropriadamente e organiza os insights, sentimentos, pensamentos e posturas somáticas que o cliente introjeta para formar sua própria identidade. (KELEMAN, 1996, P. 163).

Não podemos nos esquecer da ambivalência presente no processo de vinculação transferencial e das respostas defensivas que o cliente demonstrará sem perceber e sem condições de resolver por si mesmo. Reich (1998) nos alerta para a impossibilidade da transferência positiva genuína ocorrer no início da terapia, uma vez que a neurose compromete diretamente a capacidade natural para o amor criando contatos substitutos em lugar de vínculos genuínos. Por genuíno entende-se aqui “um empenho objetal, forte, não-ambivalente e erótico, que possa fornecer uma base para uma relação intensa com o analista e suportar as tempestades provocadas pela análise” (REICH, 1998, p. 126). Divergindo da compreensão psicanalítica, Reich demonstra que no início da terapia o terapeuta precisa estar atento às manifestações da transferência positiva ilusória, decorrente dos empenhos narcísicos defensivos, e às atitudes reativas negativas emergentes da desestruturação das defesas do ego. Estas encobrem a transferência

positiva genuína que só se torna possível após o reestabelecimento da capacidade de amar.

A transferência negativa (REICH, 1998) se expressa em atitudes de ódio direcionadas ao terapeuta no decorrer da análise e, comumente, são revestidas por um tom gentil causando dificuldades no seu reconhecimento e abordagem. Exemplificando esse processo, uma cliente viveu meses em terapia trazendo o mesmo conteúdo de desesperança quanto ao seu processo terapêutico, inúmeras queixas quanto a sua melhora e sobre o “apocalipse” em que se transformara a sua vida em todas as esferas, além da insatisfação por só sentir angústia e nada fazê-la se sentir bem. Comunicou sua ida ao psiquiatra porque a terapia não estava fazendo efeito nenhum e ela se sentia cada vez mais doente, então, “com certeza um psiquiatra daria alguma solução para a sua queixa”. Durante esse tempo, as abordagens corporais eram interrompidas por sensações de medo de sentir o que estava sentindo, que depois conseguimos entender se tratar de um nível de alívio às tensões e, portanto, configurava uma angústia orgástica. Parecia haver por trás desse comportamento uma grande pergunta: “você vai suportar tudo isso e ser capaz de me aceitar e me amar?”. Embora conscientemente saibamos a recorrência dessa defesa narcísica no processo terapêutico, como não funcionamos apenas como espelhos refletores, sentimos o empenho destrutivo em nosso corpo. O que sentíamos naquele campo era muita raiva. Enquanto terapeuta era preciso perguntar: “essa raiva é minha ou da minha cliente?”. A sua necessidade de expressar a raiva era equivalente ao tamanho do seu medo de destruir o objeto de amor ou que o terapeuta não a amasse, então, era preciso reprimir a expressão de raiva apresentando um comportamento politicamente correto e desqualificar a relação terapêutica. Quando tornado consciente seu mecanismo de defesa, camadas afetivas mais profundas puderam se apresentar para serem vividas em ambiente acolhedor e isento de qualquer julgamento, o que promoveu um novo registro perceptivo de emoções antes negadas. Além da técnica, o terapeuta precisa saber de si mesmo, para viver a sua inteireza no movimento de abertura à alteridade. Portanto, é fundamental a medida do autocuidado com nossos fluxos energéticos, pois assim nossas sensações de órgãos nos darão condições para sustentarmos o fazer clínico com amor.

Segundo Reich (1998), o terapeuta deve trabalhar primeiramente a transferência negativa, pois quando o cliente alcança a consciência de suas atitudes reativas e defensivas, ele se torna um aliado na luta contra a neurose. Mesmo que expresse ódio pela desestruturação do seu equilíbrio neurótico, também se deparará com certa clareza

sobre a profundidade de suas necessidades e poderá contar com o terapeuta para apoiá-lo na direção do cuidado de si numa experiência de entrega amorosa. Nesse sentido, Keleman dialoga com Reich quando afirma que:

A transferência é um esforço do cliente de abrir seu coração e assumir o risco de amar de novo. Ela carrega consigo a esperança de ser íntimo. Significa aventurar-se, colocar em outro o que não pode ser aceito pelo *self* e, finalmente, tomar de volta e retornar para o *self* o que foi projetado. Exatamente como ansiamos sermos parte, sermos cuidados, receber, assim aprendemos, pela transferência a permitir que sejamos recebidos. Exatamente como queremos ser recebidos, aprendemos a dar, a internalizar o outro. Exatamente como ansiamos por sermos separados, permitimos ao outro se separar. Exatamente como aprendemos a corporificar nossa experiência, aprendemos a corporificar o outro. (KELEMAN, 1996, p. 167).

Não somente em respeito à vida como também por amor à vida, podemos desenvolver o fazer clínico. Nossa proposta na experiência da clínica corporal é mobilizar a energia biológica tanto a nível analítico quanto a nível corporal, cocriando um espaço possível aonde se possa afirmar a potência da vida, sentindo o corpo em pequenas e novas percepções, reconhecendo as sensações, desarrumando as significações prévias e abrindo caminho para novos sentidos inclinados ao cuidado das nossas necessidades e desejos. O vínculo amoroso construído sobre as bases sólidas da confiança na relação terapêutica contribui para a transposição da dor e do sintoma em direção a novos horizontes, ou seja, à descoberta do que faremos com o que nos aconteceu ainda que não tenhamos escolhido viver aquilo nos trouxe até aqui.

6. Considerações finais e a democracia do trabalho como afirmação da vida humana em liberdade

No âmago do pensamento reichiano encontra-se o desejo arrebatador por profunda transformação social, embora sua teoria seja muitas vezes mal interpretada como uma abordagem biologizante da existência, o que também nos parece reflexo da falta de contato cronificada num funcionamento coletivo conformado na angústia orgástica, no medo da liberdade e da responsabilidade e, portanto, estruturado irracionalmente em impulsos antissociais. Segundo Reich (2001), amor natural, trabalho vitalmente necessário e conhecimento natural são as fontes da nossa vida e também deveriam governá-la, no entanto, na prática, essas funções sociais vitais não vêm sendo estimuladas e garantidas segundo seu grau de importância. Uma vida orientada por esse tripé funcionaria a partir de um fenômeno de autorregulação social o qual ele nomeia democracia do trabalho.

Democracia do trabalho, de acordo com Reich, refere-se “à soma de todas as funções da vida, governada pelas relações racionais interpessoais, que nasceram cresceram e se desenvolveram de uma maneira natural e orgânica” (REICH, 2001, p. 290). Não se trata de um sistema ideológico ou político que possa ser imposto à sociedade por medidas burocráticas ou jurídicas, pois emerge a partir de um processo natural de regulação da vida social e precisa se desenvolver espontaneamente, sem a influência desses vieses, a partir de um processo de autogestão racional entre comunidades. Seu fundamento reside na consciência da responsabilidade social entre homens e mulheres trabalhadores na gestão, concomitantemente, da vida social e de suas próprias vidas, uma vez que não há separação entre elas. No entanto, embora seja uma função básica, natural e biossociológica da sociedade, só poderemos considerar o bom funcionamento do processo da democracia do trabalho quando as instituições e as ideologias sociais estiverem de acordo com as necessidades naturais das relações humanas e, neste ponto, um projeto onde pautamos em questões tão simples, parece se tornar uma grande utopia. Seria necessário abrimos mão de toda e qualquer forma de dominação autoritária e totalitária, definidas por Reich como irracionais, para nos reconhecemos a partir de relações conectadas através das funções naturais do amor, do trabalho e do conhecimento e em defesa dessas mesmas funções trabalharmos coletivamente.

Nenhuma das construções substitutivas irracionais inculcadas na sociedade é capaz de promover ou proteger a vida humana, ou muito menos orientá-la em direção à liberdade. Reich explica que

[...] a humanidade encontra-se biologicamente doente e a política é a expressão social irracional dessa doença, pois tudo o que acontece na vida social é determinado, ativa ou passivamente, voluntária ou involuntariamente, pela estrutura de caráter das massas humanas que, por sua vez, é formada por processos socioeconômicos que ela própria consolida e perpetua, causando a contradição entre o desejo intenso de liberdade e o medo da liberdade, sendo este manifestado na rigidez biofísica do organismo e na inflexibilidade do caráter. (REICH, 2001, p. 300 e 301).

O conceito de liberdade a que nos referimos é trazido por Reich (2001) nos três últimos capítulos de “Psicologia de Massas do Facismo”, obra escrita a partir de suas análises sobre o funcionamento das massas. Na concepção reichiana, liberdade só pode ser alcançada a partir de uma maior conexão com a nossa potência emocional, biológica e sexual, não se configurando de modo algum como atitude ameaçadora à noção de limites construída no convívio social, pois não se trata da mera satisfação narcísica dos

nossos impulsos primários, mas, sobretudo, é uma experiência de amadurecimento e autorresponsabilização que se constrói e se expressa na relação. Uma pessoa verdadeiramente livre, conectada com suas emoções, é capaz de desenvolver vínculos de afeto e cuidado com os demais seres desejando igualmente melhorias para sua vida e para a vida de todos. Tornamos-nos responsáveis por cuidar da vida e nutri-la e disso emerge espontaneamente o limite para os nossos desejos e vontades. Ser livre no contexto da conexão com os nossos fluxos expressivos, diz respeito também à capacidade de lidar com as frustrações que implicam as relações, nos move em direção a autorregulação diante do reconhecimento das necessidades vitais e das possibilidades de realização no plano dos agenciamentos no coletivo. Não estamos nos referindo à ausência de conflitos, mas sim a uma capacidade em se conectar com a raiva, com a frustração, com a tristeza, e, primeiramente, saber acolher o que se sente legitimando o fluxo emocional para, então, descobrir caminhos menos reativos de expressão. A autorregulação da vida se baseia no vínculo, no afeto e na autorresponsabilidade, enquanto a repressão está assentada num senso mecânico de dever, na ameaça de punição e no medo que deriva dessa ameaça.

A sociologia reichiana é viva, pulsante, comprometida única e exclusivamente com os fluxos da vida. Dedica-se a pensar as relações humanas com vistas ao bem estar na civilização e, nesse sentido, compreende que o processo de transformação só será possível a partir de uma revolução profunda, uma vez que fundamentalmente somos biologicamente orientados para a liberdade e socialmente adaptados diante da perpetuação de estruturas autoritárias, repressivas e negadoras da vida. Acreditamos que essa revolução se organiza no plano das microrregulações, a partir da construção de redes de afeto que compartilham entre si a possibilidade de acessar e afirmar a vida segundo uma moralidade espontânea. Desse modo, a clínica contemporânea cumpre importante função nesta revolução uma vez que propõe a possibilidade de (re)existir no corpo e pelo corpo, integrando suas forças, recriando sentidos através da conexão vivida.

É possível que as palavras percorridas nesta escrita não abarquem toda a reflexão cabível ao tema proposto, portanto, finalizando, renovamos o convite às sensações e trazemos a poesia de Clarice com desejos de que todo o pensamento produzido aqui guarde mais profundamente um coração pulsante.

Agora é um instante. Você sente? Eu sinto. O ar é “it” e não tem perfume. Também gosto. Mas gosto de dama-da-noite, almiscarada porque sua doçura é uma entrega à lua. Já comi geleia de rosas pequenas e escarlates: seu gosto nos benze ao mesmo tempo que nos acomete.

Como reproduzir em palavras o gosto? O gosto é uno e as palavras são muitas. Quanto à música, depois de tocada para onde ela vai? Música só tem de concreto o instrumento. Bem atrás do pensamento tem um fundo musical. Mas ainda mais atrás há o coração batendo. Assim o mais profundo pensamento é um coração batendo. (LISPECTOR, 1987, p. 42).

AGRADECIMENTOS

À Universidade Santa Úrsula por me conceder a oportunidade para trilhar e concluir essa jornada de crescimento humano e formação profissional.

À professora Ana Maria Mendonça pela orientação técnica e pelo acolhimento sensível na equipe do SPA USU, lugar onde pude viver as primeiras sensações em meu corpo enquanto terapeuta.

À professora Renata Leite Lima Diaz por me ensinar a teoria reichiana de um jeito tão luminoso e me inspirar ao aprofundamento. Minha eterna gratidão por mergulhar junto.

À professora Geny de Oliveira Cobra por nutrir o meu desejo de desenvolver essa escrita e me incentivar à coragem. A sua orientação foi fundamental para que este trabalho de conclusão se tornasse realidade.

Ao professor Luís Eduardo Gomes Braga pelos valiosos conhecimentos construídos numa relação amável e gentil em todas as disciplinas que ministrou.

A cada um dos demais professores, essenciais à minha formação, por tantos ensinamentos e trocas afetivas.

À Nágela Calil por acreditar neste projeto de vida e por ser afeto sempre presente.

À amada amiga Valéria Miranda por todas as risadas e levezas vividas ao longo desses cinco anos e por me apresentar o Instituto Anthropos de Psicomotricidade, território potente que me acolhe amorosamente para que eu possa criar um novo corpo.

À Vânia Cristina Sá, minha mãe, pelo colo que me acolheu, me deu contorno, imprimindo o amor em mim.

À Priscila Curvelo por ser abraço-casa, amor e poesia. Parafraseando o poeta Arnaldo Antunes, “o seu olhar melhora o meu”. Todos os dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, E.F. **O labirinto humano: as causas do bloqueio da energia sexual**. São Paulo: Summus, 1980.

BOADELLA, D. **Nos caminhos de Reich**. 3ª edição – São Paulo: Summus, 1985.

IMBASSAÍ, M.H. **Sensibilidade no Cotidiano: conscientização corporal**. Rio de Janeiro: Uapê, 2006.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

REICH, W. **A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Análise do caráter**. 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Escute Zé Ninguém**. 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O Éter, Deus e o Diabo: A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Psicologia de Massas do Facismo**. 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAHRAF, M. **Fury on Earth: a biography of Wilhelm Reich**. 1ª Edição – New York: San Martin's Press/Marek, 1983.

KELEMAN, S. **Amor e Vínculos: Uma visão somático-emocional**. São Paulo: Summus, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOADELLA, D. **Correntes da Vida**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1992.

BORGES, H. **A clínica contemporânea e o abismo do sentido**. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

COBRA, G. de O. **Nos Bastidores de uma Pesquisa**. Revista da Sociedade. Wilhelm Reich/ RS., Porto Alegre: Sociedade Wilhelm Reich/RS, v.4, n.4, 2000.

NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

_____. **Metodologia da Vegetoterapia Caractero-Analítica**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

RAKNES, O. **Wilhelm Reich e a Orgonomia**. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

_____. **Irrupção da moral repressiva**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

_____. **Materialismo Dialectico e Psicanálise**. 3ª edição – Editorial Presença: Lisboa, s.d.

_____. **A Biopatia do Câncer**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

RIBEIRO, R. **Sensorial do Corpo: via régia ao inconsciente**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Eduff, 2016.